



**MULHERES NEGRAS: "a história
que a História não conta".**



G O M E Z

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
HISTÓRIA PRA NINAR GENTE GRANDE	06
bell hooks	08
CAROLINA MARIA DE JESUS	14
LÉLIA GONZALEZ	20
NAIR DA FRANÇA E ARAÚJO	26
NEUSA SANTOS SOUZA	32
ZORA NEALE HURSTON	38
SOBRE AS AUTORAS DA REVISTA	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

APRESENTAÇÃO

Durante pesquisa em um livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental, observamos a ausência de mulheres negras ao abordar o conteúdo programático intitulado de "Movimentos Sociais: Indígenas, Negros e Mulheres" ¹. Diante de tamanha problemática, surgiu a nossa necessidade de colocar estudantes e docentes para refletir sobre a exclusão histórica e historiográfica de mulheres negras.

Logo, visando valorizar suas trajetórias de vida, representatividade e contribuições para nossa sociedade, elaboramos um material didático chamado **Mulheres Negras: "a história que a História não conta"**. Esta revista apresenta a biografia, as lutas e as resistências de seis intelectuais negras. São elas: bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Nair da França e Araújo, Neusa Santos Souza e Zora Neale Hurston.

Vale ressaltar que a inspiração para o subtítulo de nosso material didático foi retirada de um trecho do samba-enredo do ano de 2019 da Escola de Samba Mangueira. A canção foi nomeada como "História pra ninar gente grande" e aborda justamente o silenciamento e a exclusão de sujeitos do processo histórico brasileiro. Este mesmo samba-enredo também influenciou todo o processo de desenvolvi-

mento da 11ª Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB).

Com seu poder narrativo e persuasivo, a História evidenciou personalidades em detrimento da subalternização de outros. Desse modo, faz-se necessário pensar quais personalidades são consideradas históricas? Quem são os sujeitos representados, majoritariamente, na televisão, nos jornais, nas datas comemorativas e nos livros de História? Qual sexo, gênero, cor de pele e classe social das pessoas retratadas cotidianamente na mídia?

Essas perguntas podem servir como pontapé inicial para que personalidades históricas, até então, ausentes na historiografia tradicional passem a ser retratados nas aulas e nos livros de História. Este material didático busca mostrar que mulheres negras fazem História, Política, Educação, Ciência, Literatura... Elas lutam e resistem contra uma sociedade machista, racista e elitista sem que escrevam ao menos uma página de livro didático sobre suas vidas.

¹ Conteúdo Programático retirado do capítulo de mesmo nome, encontrado no livro intitulado "História sociedade & cidadania: 9º ano" do autor Alfredo Boulos Júnior. Porém, outros livros didáticos da mesma série também debatem questões de gênero e raciais.

História pra ninar gente grande

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
Tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

[...]

Composição: Deivid Domênico, Tomaz Miranda,
Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino,
Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.



Imagem 1— De Latuff/Sinasefe

bell hooks



Imagem 2 — bell hooks

Professora universitária, pesquisadora e autora de vários livros que discutem temáticas, como: gênero, raça, classe e relações sociais opressoras. *Gloria Jean Watkins* nasceu no dia 25 de setembro de 1952, em Hopkinsville, cidade rural e segregada racialmente do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Vindo de uma família numerosa da classe trabalhadora: é filha de um porteiro com uma empregada doméstica que tiveram seis filhos, sendo cinco meninas e um menino. Mas, afinal de contas, quem é a pessoa que estamos chamando de *Gloria Jean Watkins*?

Abandonando seu nome de batismo, esta intelectual

afro-americana tornou-se conhecida como bell hooks. Nome escolhido em homenagem a sua bisavó materna, Bell Blair Hooks, e gravado em letras minúsculas, pois a autora prefere destacar a importância dos seus escritos do que a si mesma. No movimento antirracista e no feminismo negro, bell hooks é dona de uma voz imponente e poderosa. Como mulher negra advinda da classe trabalhadora, ela utiliza a própria trajetória de vida como fonte para os seus estudos sobre raça, gênero e classe, buscando evidenciar fatores como: segregação racial, sistemas de opressão e dominação, sexismo, etc.

Vivendo no sul dos Estados Unidos, sua infância foi marcada pela segregação racial. Em seu livro *"Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade"*, a autora relata aspectos de sua biografia, como: a experiência educacional em uma escola exclusiva para pessoas negras; o preconceito vivido em uma escola que "permitia" a interação entre brancos e negro; e a expectativa de futuro do *Apartheid* para as meninas negras norte-americanas. A seguir, veja trechos retirados dessa obra:

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a "cabeça". Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um do fundamental de resistir a toas as estraté-

gias brancas de colonização racistas. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. [...]. (hooks, 2013, p. 10-11)

Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. [...]. (hooks, 2013, p. 12).

[...]. No Sul, na época do apartheid, as meninas negras de classe trabalhadora tinham três opções de carreira. Podíamos casar, podíamos trabalhar como empregadas e podíamos nos tornar professoras de escola. E visto que, de acordo com o pensamento sexista da época, os homens na verdade não gostavam de mulheres "inteligentes", partia-se do pressuposto de que quaisquer sinais de inteligência selavam o destino da pessoa. Desde o ensino fundamental, eu estava destinada a me tornar professora. (hooks, 2013, p. 9-10).

A partir da leitura desses trechos, é possível identificar que os ideais raciais e sexistas da época esperavam que as mulheres negras não fugissem do padrão de: donas de casa, mães, empregadas domésticas e, no máximo, de professoras da Educação Básica. Porém, dentro das escolas, as professoras negras eram símbolos de revolução, ensinando a seus alunos, inclusive a própria bell hooks, o papel transformador da educação.

Diante de sua realidade social, estas professoras

fizeram-na acreditar na sua capacidade intelectual e compreender o estudo enquanto um ato de resistência ao racismo. Tomada de consciência crítica e histórica, ela, ainda adolescente, identifica os estereótipos racistas e as tentativas de inferiorização dos sujeitos não-brancos ao trocar de escola - nesta instituição, estudantes e docentes eram majoritariamente brancos.

A mudança de escolas e a diferença no tratamento de discentes negros em ambas as instituições de ensino, torna-se fundamental para toda a trajetória intelectual, educacional e social de bell hooks. Na Universidade de Stanford, formou-se em literatura inglesa, fazendo, posteriormente, mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Durante a graduação, bell hooks percebeu que seus professores não se entusiasmavam ao ensinar e que reforçavam a prática de uma educação autoritária e dominadora. Por isso, ao tornar-se professora buscou criar seu próprio método de ensino: a Pedagogia Engajada.

Comprometida com técnicas pedagógicas anticolonialistas, críticas e feministas, a professora norte-americana sempre procurou valorizar a participação dos seus alunos, compreendendo a sala de aula como uma comunidade de aprendizado que depende do esforço coletivo. Com a sua Pedagogia Engajada, bell hooks objetiva renovar as práticas de ensino e incentivar um ensino libertador e trans-

gressor. Também buscou inspiração nas obras de Paulo Freire, educador brasileiro, e Thich Nhat Hanh, monge budista vietnamita para a elaboração do seu método que tem como características principais um processo de ensino-aprendizagem prazeroso, comprometido, problematizador, autorrealizador e preocupado com a atualização dos conhecimentos.

Atualmente, bell hooks é autora de diversos livros e artigos científicos, traduzidos para diversas línguas. Além disso, viaja pelo mundo dando palestras públicas. Também já recebeu o prêmio The American Book Award, a premiação literária de maior prestígio nos Estados Unidos. Vale ressaltar que foi durante a universidade que bell hooks tornou-se autora de seu primeiro livro "Ain't I A Woman?" [Eu não sou uma mulher]. Obra que discute a mulher negra e os preconceitos socioculturais enfrentados por estas.

Autora: Maria Eduarda Morais Santos Costa.



Imagem 3 — bell hooks


CAROLINA MARIA DE JESUS



Imagem 4— Maria Carolina de Jesus

"Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como uma solução. Eu escrevia o meu diário." (JESUS, 2014, p. 195).

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Foi uma mulher negra poeta, prosadora, memorialista, dramaturga, compositora, cantora e cronista que teve algumas de suas obras publicadas, quando ainda se encontrava em vida e ou-

tras que vieram a público somente após a sua morte.  Filha de negros que migraram para o interior de Minas e neta de pessoas que foram escravizadas, a autora, conhecida como “escritora da favela ou escritora favelada”, era oriunda de família humilde que se instalaram naquela localidade em um contexto de muitas mudanças econômicas no pós-escravidão e de instauração da primeira República.

Carolina de Jesus passou toda a sua infância e juventude na cidade de Sacramento. Estudou no Colégio Allan Kardec do Grupo Espírita Esperança e Caridade, provavelmente a primeira escola espírita do Brasil. Essa instituição tinha um trabalho voltado para o ensino de crianças pobres e contava com o apoio de pessoas influentes da sociedade que apadrinhavam os estudantes e os mantinham.

A patroa da mãe de Carolina, Maria Leite Monteiro de Barros, foi quem garantiu a sua permanência na escola. No entanto, isso não durou muito, pois a mesma havia se mudado para uma fazenda com sua mãe em busca de melhores condições, acabando por abandonar os estudos, chegando apenas até o segundo ano do ensino fundamental.

Em 1947, Carolina mudou-se para São Paulo. A situação que viveu após a mudança foi de muita dificuldade. Trabalhou como doméstica na casa de algumas famílias, mas não permaneceu muito tempo nessa função. Mudou-se para a favela do Canidé, lugar onde criou sozinha, seus três fi-

lhos: João José Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Nesse período, tirava o sustento apenas do que conseguia nas ruas como catadora. A mesma catava de tudo um pouco buscando aproveitar o que desse para ser vendido, como papel, ferro e outros materiais recicláveis. É justamente nesses cadernos e papéis encontrados no lixo que Carolina escrevia sobre o seu cotidiano na favela, a fome e o sofrimento que vivera com os seus filhos.

O sonho de Carolina Maria de Jesus era ser escritora. Mesmo tendo pouco estudo, ela sempre lia e escrevia, pois era o único meio de saciar a sua fome, porém, a mesma só veio ter seus escritos reconhecidos em 1950, após o seu encontro com o jornalista Audálio Dantas que, naquele momento, realizava uma visitava a comunidade do Canidé a trabalho.

Após ocorrido um diálogo e Carolina apresentar os vários cadernos escritos que tinha em casa, o repórter ficou impressionado com o que viu e resolveu publicar alguns trechos no Jornal Folha da Noite e na revista O Cruzeiro. Mas, seu auge como escritora só ocorreu depois da publicação da sua primeira obra, em 1960, intitulada Quarto de Despejo: diário de uma favela, que teve a preparação e organização do próprio Audálio Dantas.

Essa primeira obra deu a escritora a oportunidade de melhorar de vida, sair da favela e possibilidade de ser conhecida internacionalmente onde, naquele momento, tivera

mais reconhecimento do que em seu próprio país de origem. O seu livro na primeira publicação obteve uma vendagem de trinta mil exemplares e, na segunda e terceira edição, alcançou os cem mil em números de vendas, sendo também traduzido para treze idiomas em mais de quarenta países. Carolina Maria de Jesus saiu da favela para o mundo, mas logo caiu em esquecimento.

Além desse livro, outras obras foram publicadas pela autora, por exemplo: *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961); *Provérbios* (1963); *Pedaços da Fome* (1963); *Diário de Bitita* (1986); etc. Mesmo contando com o apoio de Dantas e chegando a bancar pessoalmente a publicação de algumas de suas obras, Carolina Maria de Jesus recebia muitas críticas da sociedade elitista o que acabava resultando em fracasso de vendas. De todos os livros publicados pela escritora, "Quarto de Desejo: o diário de uma favelada" foi o que lhe proporcionou maior sucesso. Infelizmente, depois de tantos momentos de glória esta mulher negra caiu no esquecimento do público.

Carolina Maria de Jesus buscou muito ser inserida e reconhecida no mundo dos escritores. Ela faleceu em 13 de fevereiro de 1977, esquecida pelo público e pela imprensa, em um sítio localizado na periferia de São Paulo. Contudo, quando ainda estava viva, foi negada e negligenciada como escritora. Foi muito criticada por ser uma mulher negra semianalfabeta que viveu na favela, ou seja, que não possuía

uma escrita nos padrões da norma culta. Os ataques surgiram também como uma forma de silenciar a autora que denunciava nos seus textos a desigualdade, o racismo e a situação em que vivia a maioria da população negra favelada de São Paulo.

É através de Carolina que o mundo vai saber o que ocorria no cotidiano das grandes favelas da capital que faziam desses locais, como diz a escritora, o seu "quarto de despejo" onde era despejado tudo aquilo de ruim. Entretanto, após ter vivido décadas de ostracismo a vida e obra da autora vem sendo redescoberta pelas novas gerações de movimentos feministas, negros e de periferias. Reavivando suas produções literárias, estes buscam inseri-las nos espaços acadêmicos e escolares.

Autora: Jamile Santos Souza.



Imagem 5—Maria Carolina de Jesus

LÉLIA GONZALEZ



Imagem 6— Lélia Gonzales

Lélia de Almeida nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Sendo a penúltima dos dezoito filhos de Urcinda Seraphina de Almeida, uma empregada doméstica analfabeta de descendência indígena, e de Acácio Joaquim de Almeida, um ferroviário negro.

Nesse período, o Estado brasileiro valorizava a vinda de imigrantes europeus para o Brasil: trata-se da política de

branqueamento populacional. Dessa forma, aspectos da cultura indígena e afro-brasileira, como a língua e a manifestação religiosa, foram proibidas. A profissão de empregada domésticas, exercida pela mãe da pequena Lélia, se assemelha muito com o papel da escrava doméstica. Além disso, em 1935, as mulheres estavam conquistando progressivamente o direito ao voto, o acesso ao mercado de trabalho e à educação.

Entretanto, a conquista de direitos não se deu igualmente para todas as mulheres. Havia barreiras relacionadas a raça e a classe social que deveriam ser enfrentadas. Em uma entrevista ao jornal *O Pasquim*, Lélia Gonzalez relata que quando nasceu, sua mãe foi trabalhar de ama-de-leite para uma família italiana e, posteriormente, estes se ofereceram para pagar seus estudos.

No Brasil, os serviços da ama-de-leite ou da mãe-preta relembram o tempo da escravidão, no qual, os filhos recém-nascidos das escravizadas eram retirados do seu convívio para que estas fossem forçadas a amamentar e cuidar do filho da senhora branca. Assim, era negado o direito à maternidade das mulheres negras, pois, naquela época, achava-se que o seu leite era mais forte para a sobrevivência de um bebê.

Aos oito anos de idade, Lélia foi morar no Rio de Janeiro, cidade na qual permaneceu até o fim de sua vida, 10 em julho de 1994. Durante sua infância, também trabalhou, por pouco tempo, como babá dos filhos do diretor do clube

onde seu irmão, Jaime de Almeida, jogava futebol. Este episódio demonstra um traço racista e elitista da sociedade brasileira de transformar meninas negras, ainda muito jovens, em empregadas domésticas. Veja a seguir um relato de Lélia Gonzalez ao jornal *O Pasquim*, no qual, ela se posiciona contra isso:

Quando criança, eu fui babá de filhinho de madame, você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa (*O Pasquim*, n. 871, 1986, p. 8).

Como jogador do Flamengo, seu irmão conseguiu adquirir certa mobilidade social para a família, possibilitando a Lélia maiores oportunidades educacionais, como: concluir o Ensino Médio no Colégio Pedro II, uma instituição de renome na sociedade carioca. Além disso, cursou bacharelado e licenciatura em História e Geografia na Universidade Estadual da Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e posteriormente, graduou-se em Filosofia pela mesma instituição. Lélia Gonzalez foi professora universitária, ativista, pesquisadora e autora de livros importantes que discutem temáticas como: festas populares brasileiras, raça, classe social e feminismo afro-latinoamericano.

Entretanto, em uma de suas falas públicas, *Lélia Gonzalez* revelou que antes do ingresso na universidade sua mentalidade era muito embranquecida e, somente depois das graduações, surgiram as contradições e os questionamentos. As reflexões de *Lélia* acerca das questões de raça, gênero e classe social se acentuaram após o seu casamento com *Luiz Carlos Gonzalez*, amigo de universidade. Este era um rapaz branco de descendência espanhola cuja família não aceitava o casamento com uma moça negra. Diante do confronto familiar, *Luiz Carlos Gonzalez* cometeu suicídio o que afetou profundamente a vida de sua então esposa. Como símbolo de homenagem, ela nunca deixou de usar o sobrenome *Gonzalez*, mesmo após seu casamento e divórcio com *Vicente Marota*.

No ano de 1978, *Lélia Gonzalez* também se destaca pela contribuição na fundação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR ou MNU, Movimento Negro Unificado, como ficou conhecido mais tarde) em São Paulo, tendo como objetivos: demonstrar a inexistência da democracia racial; reivindicar o fim da violência contra negros; exigir políticas públicas em benefício da população negra; lutar contra o racismo; etc.

Ainda hoje, *Lélia Gonzalez* é bastante conhecida pelos seus questionamentos contrários a sociedade sexista e patriarcal. Dentro do Movimento Negro, ela sempre reivin-

dicou por maior participação feminina e denunciou atos machistas de seus companheiros de luta. Além disso, era defensora da descolonização do feminismo, ou seja, acreditava que o protagonismo feminista deveria se dá através de mulheres negras e indígenas. Em 10 de julho de 1994, Lélia Gonzalez faleceu vítima de complicações cardiovasculares.

Autora: Maria Eduarda Morais Santos Costa.



Imagem 7— Lélia Gonzalez

NAIR DA FRANÇA E ARAÚJO



Imagem 8— Nair da França e Araújo

Nascida na cidade de Maragogipe, Recôncavo da Bahia, no dia 26 de outubro de 1931 em um contexto histórico de grandes dificuldades econômicas e sociais para a população negra, Nair da França de Araújo veio a se tornar a primeira mulher negra a se formar em Química no Estado da Bahia e a primeira professora que ensinou no Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Sua mãe Vitorina da França e Araújo era uma mulher negra que exercia a função de dona de casa, já seu pai, Eupidio Cyrillo de Araújo, foi um músico e exercia o ofício de carpinteiro.

No Brasil a realidade do pós-abolição ainda era muito recente e para as famílias mais pobres as possibilidades de trabalho eram escassas, restando apenas os serviços domésticos e braçais. Além disso, predominava o forte preconceito racial, caracterizando-se, assim, em uma sociedade de enorme desigualdade social, racista que conservava os privilégios da população branca. É nessa realidade que Nair e sua família vão se constituir e buscar meios para se manterem e sobreviverem no interior da Bahia.

A educação, no entanto, na primeira metade do século XX era uma realidade bem distante para os negros, que estavam adentrando ao espaço escolar gradualmente após a Primeira República. É diante dessa circunstância que a professora Nair da França ingressa no Colégio Estadual da Bahia - Central, que foi a primeira escola pública de Ensino Médio do Brasil fundada na cidade de Salvador no ano de 1837. Nessa instituição, a futura educadora de Química cursou todo seu ensino fundamental e médio, sendo uma aluna de destaque e obtendo a terceira colocação na prova de admissão.

Sempre buscando dá seu máximo nos estudos, Nair se destaca pela sua perseverança e força de vontade que, mesmo enfrentando situações de desigualdade e racismo no espaço escolar e na vida, a mesma não deixou se abater e foi em busca do seu sonho, adentrar ao ensino superior. Foi

então, no ano de 1945, que a Professora deu início a sua vida acadêmica, matriculou-se no curso de bacharel em Química da Universidade da Bahia, a atual UFBA (Universidade Federal da Bahia), após ter feito um exame nas disciplinas de Química, Física, Matemática, Português e Francês.

Antes mesmo de ter concluído a sua graduação no curso de bacharel em Química, Nair já havia iniciado a sua carreira como educadora, atuando no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, ensinando as disciplinas de Matemática Industrial, Desenho e Ciências.

Sendo que, durante esse período a mesma cumpria uma dupla jornada, dando aula pela manhã e, em um momento posterior, se dedicava aos estudos na faculdade. Contudo, no ano de 1954 a professora finaliza a sua primeira etapa no mundo acadêmico: foi a primeira mulher e a única da sua turma a concluir o bacharel em Química em toda Bahia.

Somente em 1955 é que a professora Nair oficializa seu cargo como educadora, concluído assim sua formação de licenciatura em química, passando logo de imediato a lecionar no Colégio Estadual da Bahia, instituição em que havia estudado e que agora estava atuando como docente na disciplina de sua formação.

A mesma, em um outro momento, também passou a ensinar na Universidade da Bahia, chegando a se aposentar pela instituição. Logo, tornou-se a primeira mulher a lecionar

no curso de química daquela faculdade.

Entretanto, a sua carreira acadêmica não parou por aí. Nair ainda almejava ir mais longe, buscando sua formação de doutorado na área de Química, o que, infelizmente, não foi possível, pois a mesma teve que lidar com diversas complicações. Primeiro sendo negada o seu ingresso na USP (Universidade de São Paulo) e depois tentou na UFBA, mas havia sempre um obstáculo para que a professora não desse andamento aos seus estudos.

Considerando o contexto daquela sociedade em que as discussões raciais eram quase inexistentes, e principalmente, o fato de Nair ser uma mulher negra, evidencia-se nesses momentos que o racismo institucional não era escancarado e que esteve presente ao longo de toda a sua trajetória. Porém, no ano de 1959, ela consegue dar continuidade a sua vida acadêmica, alcançando a sua especialização em química orgânica na USP e obtendo o título de mestra a partir de agosto no ano de 1976.

Nair vem a falecer em 2018, no entanto, dos poucos registros que se tem da sua trajetória, nota-se o quanto ela foi obstinada para conseguir alcançar seus objetivos e melhorar de vida. Se não fosse os empecilhos e dificuldades encontradas pela mesma, nessa sociedade estruturalmente racista e machista, talvez então, tivesse ido mais longe em suas conquistas, alcançando o seu tão sonhado doutorado e se

tornando a primeira mulher negra doutora em química na Bahia. A professora sempre se destacou como educadora sendo aclamada por seus estudantes, porém não era tão reconhecida pelos seus feitos na Universidade, sendo somente reconhecida nos fins de sua vida.

Autora: Jamile Santos Souza.



Imagem 9 – Nair da França e Araújo

Neusa Santos Souza



Imagem 10—Neusa Santos Souza

Neusa Santos Souza nasceu em Cachoeira, Recôncavo da Bahia, em 1948. Foi uma um psiquiatra e psicanalista formada em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e obteve o título de Mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde residia e desenvolveu sua carreira até a sua morte em dezembro de 2008.

De origem humilde, crescida em um ambiente de terreiros de candomblé e com muitas pessoas próximas que faziam parte da religião. Migrou para Salvador onde foi morar na casa de uma tia, no bairro de Campo Grande, para iniciar o curso de Medicina. Desenvolveu uma grande amizade com Ana Rocha, sua colega de universidade, e juntas enfrenta-

ram diversos episódios discriminações raciais, principalmente, porque "não tinham pinta de médicas", Através de uma entrevista para William Pereira Penna que em sua dissertação de mestrado estuda Neusa Santos Souza. Ana relatou que para a formatura teve de alisar o cabelo, mas autor não encontrou indícios se Neusa também por constrangimento. Nos anos 70, Ana concluiu a sua formação e foi trabalhar em um Sanatório em Salvador e Neusa, ainda estudante da graduação, a acompanhou para ser sua assistente. (Penna, 2019, p. 58).

Seguiu o caminho inverso ao começar o mestrado, naquele período o processo era fazer primeiro uma especialização e depois se candidatar ao mestrado, mas ela perdeu a data de inscrição. E a partir da especialização era que se candidatava ao mestrado. Devido a perda do processo seletivo se candidatou diretamente a vaga de mestrado e foi aprovada.

Ao passar no mestrado teve como orientador José Otávio de Freitas Junior e o coorientador por Gregório Baremblitt. Fez parte também do Instituto Brasileiro de Psicanálise—IBRAPSI (1978) um grupo de estudos que "recusava o horizonte de construção de uma "psicanálise pura." Pontua a importância que tinha em estudar com seus colegas nesse processo." (Penna, 2019, p. 59)

Neusa lançou o livro Tornar-se Negro (1983) que vem da sua dissertação de mestrado intitulada "tornar-se negro e

as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em ascensão social". Esse livro aborda as questões raciais e emocionais dos negro e a negação de sua cultura e corpo numa sociedade que já os oprime cotidianamente. Através de entrevistas ela buscou relacionar as vivências de pessoas negras em ascensão com o estudo da psicanálise e como no decorrer de suas vidas elas passaram ou passam por esse processo de negação da sua cor, de não pertencimento, entre outros processos em virtude do racismo intrínseco e vividos diariamente.

Em sua última entrevista no programa Espelho com Lazaro Ramos e Sandra Almada, ela faz um breve relato da sua vida profissional uma "psiquiatra e psicanalista, fazia clínica psicanalítica uma atividade de ensino e transmissão trabalha dando seminários clínicos no hospital chamado Casa Verde, um hospital para paciente graves e a referência na minha trajetória seja o fato de eu ter escrito torna-se negro." (Entrevista, 2008) e afirma que saiu dos debates públicos, depois de uma pergunta de Sandra, pois também se ocupou de uma "questão também marginal" que é o estudo dos Loucos e escreveu um livro sobre psicose chama-se A Psicose: Um Estudo Lacaniano. Os dois livros atualmente encontram-se esgotados. Nesse momento da sua vida em agosto de 2008, acreditava que a psicanálise partia do individual e por isso não poderia

coletivizar o racismo nesse processo, mas acreditava que o racismo debatido em outros meios deveria ser tratado de forma coletiva, como os cientistas sociais, historiadores e o movimento negro vinham fazendo.

Em 2008 seu legado chega ao fim, Neusa Santos Souza suicidou-se aos 60 anos, "deixou uma carta com pedido de desculpas aos seus amigos se desculpando dessa decisão radical, não era casada, não tinha filhos e a sua riqueza material colecionava artes plásticas da melhor, deveria ir para parentes na Bahia, distantes intelectualmente dela e da sua luta contra o racismo." (Herkenhoff, 2016)

Ao pesquisar Neusa Santos Souza fiquei inquieta refletindo sobre a magnitude dessa mulher e também por não termos um arsenal de fotos online que poderia nos proporcionar uma outra experiência nesse álbum/revista. Uma grande intelectual que deixou um legado importante para saúde mental da população negra, podemos a partir desse breve histórico e das fontes citadas fazermos nossa própria reflexão e reavivamos a memória e vida dela.

Autora: Sandra Oliveira de Andrade.

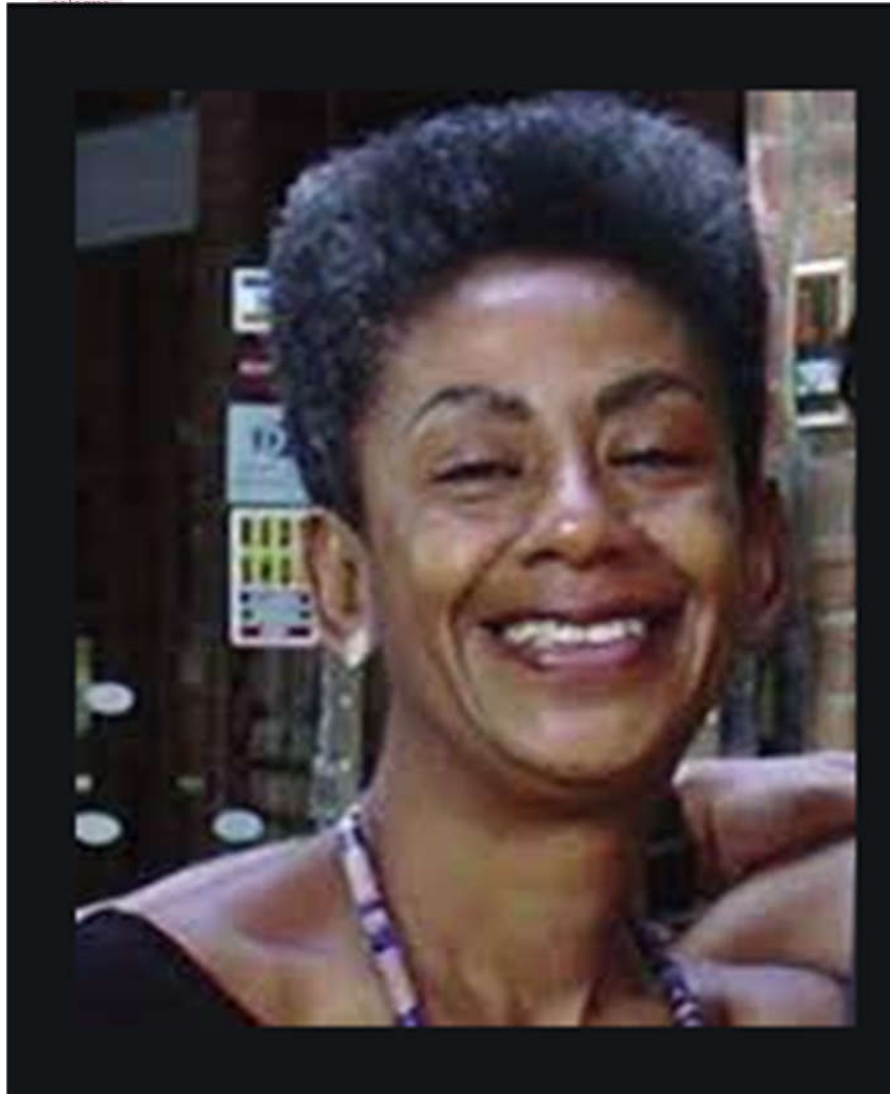


Imagem 11— Neusa Santos Souza



Zora Neale Hurston



Imagem 12— Zora Neale Hurston

A norte americana nascida em Notasulga no estado do Alabama em 7 de janeiro de 1891 e a sua morte em 1960 em Fort Pierce na Florida, mas passou boa parte da sua vida em Eatonville na Florida, um lugar que marcou muitos cenários das suas histórias ela foi uma antropóloga, folclorista, roteirista, cineasta e escritora .

Eatonville cidade em que Zora cresceu com referências negras em todos os lugares em um período tão efervescente das lutas raciais nos Estados Unidos, ter uma cidade assim a muniu e empoderou, também se tornou palco de muitos de seus escritos.

Ela passou por muitos processos, inclusive depois da morte de sua mãe em 1904, onde tinha um contato muito próximo e sempre a incentivava, a partir daí com as divergências com seu pai que casou novamente após uma briga Zora saiu de casa e foi trabalhar em empregos braçais e pelejou para terminar os estudos. (Boyd, 2020)

Aos 26 anos não tinha concluído o ensino médio público, em Baltimore 1917 ela se apresentou como uma adolescente para concluir o ensino, diminuiu assim 10 anos da sua idade dizendo que havia nascido em 1901. E diante disso ela passou a se apresentar com 10 anos a menos da sua idade já que os dados nunca puderam ser restaurados.

Quando se formou passou a frequentar a Howard University ao mesmo tempo que trabalhava como Manicure. Segundo o site Greelane "Ela também começou a escrever, publicando uma história na revista da sociedade literária da escola. Em 1925 ela foi para a cidade de Nova York, atraída pelo círculo de artistas negros criativos (agora conhecido como Renascimento do Harlem), e começou a escrever ficção." (Greelane, 2018)

Zora sempre teve trabalhos paralelos e conciliava entre seus escritos e estudos. Quando se formou e começou a trabalhar como etnóloga trabalhava pesquisando o Vodou ela escrevia ficção com seu conhecimento através da cultura, Tinha um patrocínio para seus trabalhos de etnologia, uma mulher que não a deixava publicar, só depois que ela rompeu esse vínculo começou a publicar seus escritos, poesia e ficção.

Publicado em 1937 o seu livro *Seus olhos estavam observando Deus* um de seus trabalhos mais conhecidos, recebeu muitas críticas, inclusive da comunidade negra por romper com os "estereótipos das histórias negras" da época, pois alegavam que ela escreveu sobre temas "muito negros" para atrair os brancos. (Greelane, 2018)

Em 1938 publicou *Tell My Horse* estudo sobre as práticas do vodou caribenho, em 1939 publicou um romance *Moses, man of the mountain* e em 1942 sua autobiografia foi publicada se chama *Dust Tracks on a Road*, onde ela finalmente recebeu sua consagração merecida e em 1948 ela publicou um romance intitulado *Seraph on the Suwanee*. (Boyd, 2020)

Faleceu em 1960 aos 69 anos depois de sofrer um derrame, seus vizinhos em Fort Pierce, Florida tiveram que fazer uma "coleção" ou um bazar para pagar seu funeral, o que não rendeu muito para pagar uma lápide, mesmo com o reconhecimento dos seus trabalhos ela não detinham de meios financeiros para arcar com eventualidades, pois segundo Boyd

"Hurston nunca recebeu as recompensas financeiras que merecia. (O maior royalty que ela ganhou com qualquer um de seus livros foi de US \$943,75)." (Boyd, 2020) E sem dinheiro Hurston foi enterrada em sepultura sem identificação.

A escritora Alice Walker uma grande admiradora de Zora partiu para encontrar o tumulo dela em 1973 como ela relata no seu texto "À procura de Zora Neale Hurston" (1975) como esse encontro sucedeu vários acontecimentos, primeiro que ao chegar em Fort Pierce ela conseguiu identificar os lugares que leu em seus escritos publicados, depois foi ao cemitério, mas não conseguiu localizar sua sepultura, pois estava sem identificação e o espaço estava abandonado, corria sérios risco de ser atacada por uma cobra, foi então até uma funerária para pedir que a ajudasse a localizar e aí encomendou uma lápide, em certo momento no relato do seu artigo se intitulou como sobrinha de Zora Neale Hurston para conseguir mais informações da sua vida e trajetória nesses últimos momentos de sua vida.

Alice Walker faz um trabalho importante de reavivar sua memória, de encomendar uma nova lápide, Hurston se mostrou preocupada com esse fator, tanto que enviou uma carta a Web Du Bois para construir um cemitério para pessoas negras artistas para que tivesse um lugar em meio ao



caos, já se mostrava preocupada com essa possibilidade, antes de partir. (Boyd, 2020).

Meu primeiro contato com Zora foi em *Seus Olhos Viam Deuses* (1937) - Tradução Brasileira. E agora ao me deparar com a trajetória de vida dela e os seus processos, me fez refletir o quão é importante estarmos atentos e sempre buscarmos trazer essas mulheres artistas e intelectuais para o nosso cotidiano.

Autora: Sandra Oliveira de Andrade.



Imagem 13—Zora Neale Hurston

SOBRE AS AUTORAS DA REVISTA



Jamile Santos Souza é estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia..

Maria Eduarda Moraes Santos Costa é estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.



Sandra Oliveira de Andrade é estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Imagens:

Foto da Capa. Disponível em: <<https://ayalaboratorio.com/2020/10/15/ensinando-a-transgredir-bell-hooks/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Foto do Sumário. Disponível em: <https://imgsapp2.correiobraziliense.com.br/app/noticia_127983242361/2020/07/25/875255/20200725105143960797a.jpg>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Imagem 1 - De Latuff/Sinasefe. Disponível em: <<http://moniqueevelle.com.br/blog/tag/feminismo-negro/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Imagem 2 - Bell Hooks. Disponível em: <<https://ayalaboratorio.com/2020/10/15/ensinando-a-transgredir-bell-hooks/>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 3 - Bell Hooks. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/classico-do-feminismo-negro-obra-de-estreia-de-bell-hooks-e-relancada-no-brasil/>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 4 - Maria Carolina de Jesus. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 19 de maio de 2021.

Imagem 5 - Maria Carolina de Jesus. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,carolina-maria-de-jesus-a-escritora-da-favela,12001,0.htm>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 6 - Lélia Gonzales. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Imagem 7 - Lélia Gonzales. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=53181>>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

Imagem 8 - Nair da França e Araújo. Disponível em: <https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/ufba-lamenta-falecimento-da-professora-nair-da-fran%C3%A7a-e-araujo>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 9 - Nair da França e Araújo. Disponível em: <


 https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/ufba-lamentacao-falecimento-da-professora-nair-da-fran%C3%A7a-e-araujo
> . Acesso em: 18 de maio de 2021.

Imagem 10 - Neusa Santos Souza. Disponível em: < <https://negre.com.br/documentario-sobre-neusa-santos-esta-disponivel-no-youtube/> >. Acesso em: 19 de maio de 2021.

> **Apresentação e letra musical:**

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Movimentos Sociais: Negros, Indígenas e Mulheres. In: _____. *História sociedade & cidadania: 9º ano*. 4.ed. São Paulo: FTD, 2018, p. 58-75.

CAMPOS, Flavio de; CLARO, Regina; DOLHNIKOFF, Miriam. A era da contestação. In: _____. *História: escola e democracia*. 9º ano. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2018, p. 216-237.

MENEGUELLO, Cristina; PEDRO, Alessandra. Excluídos da História. Olimpíada de História. Disponível em: <<https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

Samba-enredo da Mangueira 2019. *História pra ninar gente grande*. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

> **bell hooks:**

bell hooks: biografia, ideias e obras traduzidas. *Psicanalise Clinica*, 2020. Disponível em: <<https://www.psicanaliseclinica.com/bell-hooks/>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

BREDA, Tadeu. *Quem é bell hooks?* Elefante Editora, 2019. Disponível em: <[https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/#:~:text=bell%20hooks%20nasceu%20em%201952,no%20sul%20dos%20Estados%20Unidos.&text=Observadora%20sagaz%20da%20realidade%2C%20bell,sinceridade%20e%20um%20estilo%20inconfund%C3%ADvel](https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/#:~:text=bell%20hooks%20nasceu%20em%201952,no%20sul%20dos%20Estados%20Unidos.&text=Observadora%20sagaz%20da%20realidade%2C%20bell,sinceridade%20e%20um%20estilo%20inconfund%C3%ADvel.)>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p. 9-36.



LADEIRA, Thalles Azevedo; INSFRÁN, Fernanda Fochi Nogueira. A pedagogia engajada e a práxis da transformação do mundo - um ensaio sobre a educação libertadora. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 22, 24 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/23/a-pedagogia-engajada-e-a-praxis-da-transformacao-do-mundo-r-um-ensaio-sobre-a-educacao-libertadora>>. Acesso em: 09 de maio de 2021.

> **Carolina Maria de Jesus:**

ALMEIDA, Sheyla; ARCANJO, Juscélio Alves. Mais do que uma vida, uma obra: Carolina Maria de Jesus, mulher, escritora negra, brasileira. In: _____. *Caravana ANPUH 25 anos em Recife: diálogos entre o ensino e a pesquisa*, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/pe/anais/caravana/01/28.JESUS,%20Carolina%20Maria..pdf>> . Acesso em: 15 de maio de 2021.

GABRIEL, Edgar Godoi. Uma existência atópica: vida e obra de Carolina Maria de Jesus. *Revista Virtual de Letras*, v. 11, nº 01, p. 93-112, jan/jul, 2019. Disponível em: < <http://www.revlet.com.br/artigos/492.pdf>>. Acesso em: 16 de Abril de 2021.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 195.

SANTANA, Mateus. *A vida e a obra de Carolina de Jesus, um manifesto para a literatura periférica e afro-brasileira*. Palmares: Fundação Cultural, 2019. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=53353>>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

CAROLINA MARIA DE JESUS. Literafro, 2020. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

> **Lélia Gonzalez:**

FELIPPE, Ana Maria. *Lélia Gonzalez: mulher negra na história do Brasil*. Geledés, 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lelia-gonzalez-mulher-negra-na-historia-do-brasi/>>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

LÉLIA GONZALEZ. Literafro, 2021. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>>. Acesso em: 9 de maio de 2021.



MÃE PRETA: O ALEITAMENTO NO PERÍODO ESCRAVISTA. Brasiliana Iconográfica. Disponível em: <<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20196/mae-preta-o-aleitamento-no-periodo-escravista>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

MERCIER, Daniela. Lélia Gonzalez, onipresente. El País, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=gNGdokSOqpcC&oi=fnd&pg=PP4&dq=biografia+l%C3%A9lia+gonzalez+pdf&ots=JzwKtKA-8u&sig=pGW64s-DX8M7G59pT7zB__8qVMw#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 14 de abril de 2021.

> **Nair da França Araújo:**

CRUZ, Samile Santos da. "O que Deus permitiu, eu fiz": Nair da França e Araújo, primeira professora negra do Ins-

tituto de Química da Universidade Federal da Bahia. Cachoeira/São Felix - BA, 2020.

SOARES PINHEIRO, Bárbara Carine. NAIR DA FRANÇA E ARAÚJO: PRIMEIRA MULHER A SE GRADUAR, NA BAHIA, EM BACHARELADO EM QUÍMICA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 725-728, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1036>>. Acesso em: 20 maio 2021.

> **Neusa Santos Souza:**

Penna, William Pereira. Escrivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psis. Dissertação. Niterói, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Herkenhoff, Alfredo. Racismo: Por que se matou a psicanalista negra que fazia sucesso no Rio?. Geledés, Rio de Janeiro, 05 de ago. de 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-por-que-se-matou-psicanalista-negra-que-fazia-sucesso-no-rio/>. Acesso em: 18.05.2021



Entrevista de Neusa Santos Souza ao Programa Espelho. Produção de Lazaro Ramos. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2008. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eugWGvhG48o&ab_channel=WilliamPenna. Acesso em: 15. abr. 2021

> **Zora Neale Hurston:**

Boyd, Valerie. Sobre Zora Neale Hurston. Site Oficial, New York, 2020. Disponível em: <https://www.zoranealehurston.com/about/>. Acesso em: 10.mai.2021

Biografia de Zora Neale Hurston: autor de seus olhos estavam observando a Deus. Greelane, EUA. 31 de jan. de 2018. Disponível em: <https://www.greelane.com/pt/humanidades/hist%C3%B3ria--cultura/zora-neale-hurston-biography-3529337>. Acesso em: 10.mai.2021.

Walker, Alice. À procura de Zora Neale Hurston. Ayé, Revista de Antropologia, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/654> acesso em: 14.mai.2021

HURSTON, Zora Neale. Seus olhos viam Deus. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FICHA-TÉCNICA

Trabalho solicitado pelas Prof^ª. Dra. Martha Rosa Figueira Queiroz e Prof^ª. Dra. Luciana da Cruz Brito como uma das avaliações da disciplina Tópicos Especiais em Educação II: Educação para as relações étnico-raciais (cultura negra e educação).

Todo o trabalho de pesquisa, diagramação e produção do material didático foi realizado por Jamile Santos Souza, Maria Eduarda Morais Santos Costa e Sandra Oliveira de Andrade.

Como o trabalho foi realizado durante a pandemia, cada estudante realizou em sua casa com o auxílio da tecnologia digital. Ao longo dos meses de abril e maio de 2021, Jamile Santos Souza estava em Lençóis, na Bahia; Maria Eduarda Morais Santos Costa em Feira de Santana, Bahia; e Sandra Oliveira de Andrade em São Paulo, capital.